

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA INDÍGENA: uma contribuição dos jogos e brincadeiras do povo Krahô para a formação de professores

Kairo Tavares Freire¹

¹Professor do Campus Colinas do Instituto Federal do Tocantins. E-mail: kairo.freire@ifto.edu.br

Resumo: O objeto de pesquisa foi percebido quando da participação dos Jogos Tradicionais do povo Krahô, em 2016, oriundo de uma parceria entre Instituto Federal do Tocantins e Universidade Federal do Tocantins. Estes jogos foram idealizados inicialmente no ano de 2014, chegando à sua terceira edição no ano de 2016. Os jogos, em sua essência, permitem a política de fortalecimento da língua indígena e de vários conhecimentos culturais, de forma que os saberes tradicionais Krahô são transmitidos às crianças, em língua materna, garantindo, dessa forma, a manutenção da língua e da cultura às próximas gerações, sendo relevante seu estudo para aprofundamento na área de Educação Física e Formação de Professores.

Palavras-chave: cultura, educação, jogos indígenas, povo Krahô

1 INTRODUÇÃO

O povo indígena Krahô compõe uma ramificação dos Timbira, constituindo-se o grupo oriental, que se localiza à margem direita do Rio Tocantins, na combinação dos domínios do cerrado e do bioma amazônico. De acordo com Rodrigues (1986), quanto à família linguística, pertencem ao Jê, do tronco Macro Jê. Situam-se na terra indígena Kraolândia, com uma superfície de 302.353 mil hectares, município de Goiatins, no estado do Tocantins, às margens do rio Manoel Alves Pequeno. (ARAUJO, 2015).

A participação nos III Jogos Tradicionais do Povo Krahô foi muito relevante para esta pesquisa, considerando-se a perspectiva da manutenção da identidade do povo Krahô, a relevância dos jogos e brincadeiras para o fim que se propõe: de formação docente e preservação cultural. Consoante ao que descreve Anastácio Neto (2007), na cultura indígena, as danças, esportes, lutas, jogos e as atividades corporais compõe um vasto patrimônio cultural, é necessário descobrir com os estudantes e anciãos do povo Krahô os significados culturais dessas atividades, refletir sobre suas práticas, e às vezes, os motivos pelos quais essas práticas foram esquecidas. Os conteúdos escolhidos para a prática da Educação Física deve ocorrer com base na pesquisa das brincadeiras de cada povo, bem como as próprias competições, pois há de se convir, que existe sempre uma função para cada jogo na educação tradicional indígena.

A pesquisa foi motivada a partir da participação nos Jogos do povo Krahô, na oportunidade tivemos o contato com diversas atividades culturais e corporais daquele povo, onde observamos

que os jogos tradicionais fortalecem a preservação da cultura e costumes de várias tribos que compõem o povo Krahô. As competições são divididas em duas equipes: A Equipe do Inverno e do Verão, que são equipes de trabalho durante o ano. A responsabilidade de manter o sustento da tribo fica dividido em duas equipes que se revezam durante o período de inverno e verão. A equipe de inverno representa nas linhas verticais e a equipe de verão representa as linhas horizontais.

Desse modo o enriquecimento cultural de professores de educação física nessa imersão cultural de conhecimentos que podem ser inseridos facilmente na cultura corporal do movimento, na área de Educação Física Escolar há muitas discussões sobre os conteúdos que devem ser trabalhados pelos professores, nas diversas áreas do conhecimento do movimento humano. Onde buscamos orientações na saúde, na biologia, na motricidade humana, na dança, nos jogos e lutas. Nesse conglomerado de estímulos é a construção do ser humano historicamente criado e desenvolvido culturalmente de uma maneira única, destacada no Coletivo de Autores (1998).

2 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica foi muito relevante para esta pesquisa, bem como a vivência ocorrida no período dos jogos, consoante ao que estabelece Moreira (2002). Segundo o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998), na maior parte dos grupos indígenas, os conhecimentos da área da Educação Física são transmitidos às novas gerações por meio de métodos próprios de aprendizagem, sobre os quais a escola não tem nada a dizer, no entanto o mesmo aponta motivos para implementação da formação adequada do professores para um currículo escolar de Educação Física.

As estratégias de pesquisa de Pereira (2012) destacam que os objetivos requerem uma estruturação e sistematização para que o trabalho apresente sua relevância e seu rigor científico. Desta forma, o presente artigo se organiza em: a) Descrever o currículo na educação escolar indígena existente na Aldeia Manuel Alves Pequeno, com as especificidades do componente curricular de Educação Física; b) Contribuir para a formação de professores da educação escolar indígena por meio das aulas de Educação Física; c) Investigar e conhecer a cultura desse povo, identificando os jogos e brincadeiras praticados por eles para a construção de material didático.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A Educação Física na escola indígena

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) está voltado prioritariamente aos professores indígenas e aos técnicos das secretarias estaduais de educação, responsáveis pela implementação e regularização de programas educativos junto às comunidades indígenas (BRASIL, 1998).

O documento divide-se em duas partes: **a)** os fundamentos históricos, políticos, legais, antropológicos e pedagógicos que balizam a proposta de uma escola indígena intercultural, bilíngue e diferenciada; **b)** sugestões de trabalho para a construção dos currículos escolares indígenas específicos a cada realidade (BRASIL, 1998).

É importante acrescentar que diversos marcos legais permearam esta temática da educação escolar indígena. Dessas legislações muito se modificou o processo, surgindo no Brasil, um movimento indígena de âmbito nacional articulado na busca de soluções coletivas para problemas comuns aos diferentes grupos étnicos – basicamente a defesa de territórios, o respeito à diversidade linguística e cultural, o direito à assistência médica adequada e a processos educacionais específicos e diferenciados (FERREIRA, 2001).

Como resultado da pressão que esse movimento¹⁰ passou a exercer junto ao poder legislativo, efetivaram-se as mudanças mais significativas da história dos povos indígenas no Brasil, iniciadas com a definição da Constituição de 1988 e asseguradas nos demais textos legais definidos a partir dela (BRASIL, 1988).

Por isso, tal direcionamento faz-se objeto de estudo quando se enfoca a Educação Física, como uma disciplina, que com a prática conhecida como “esportes” parecem atrair bastante o gosto dos índios. Ela pode proporcionar aos jovens, a partir dos conhecimentos próprios de sua cultura e dos conteúdos aprendidos nas outras disciplinas, vivenciar as diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais, tendo como possibilidade avaliar criticamente os elementos da “cultura corporal de movimento” e como essa variada combinação está presente na vida cotidiana.

4.2 A importância dos jogos e brincadeiras indígenas para a manutenção da cultura

Dessa forma, observou-se na participação dos III Jogos Tradicionais do Povo Krahô, considerando-se a perspectiva da manutenção da identidade do povo Krahô, a relevância dos jogos e brincadeiras para o fim que se propõe: de formação docente e preservação cultural.

Consoante ao que descreve Anastácio Neto (2007), na cultura indígena, as danças, esportes, lutas, jogos e as atividades corporais compõe um vasto patrimônio cultural, é necessário descobrir com os estudantes e anciãos do povo Krahô os significados culturais dessas atividades, refletir sobre suas práticas, e às vezes, os motivos pelos quais essas práticas foram esquecidas.

Os aspectos corporais das culturas indígenas devem ser vivenciados, valorizados e desfrutados, bem como o conhecimento das diversidades culturais, produzidas pela humanidade, pois essas categorias étnicas, segundo Barth (1998) oferecem um recipiente organizacional que pode receber conteúdo em diferentes quantidades e formas nos diversos sistemas socioculturais.

Os conteúdos escolhidos para a prática da Educação Física deve ocorrer com base na pesquisa das brincadeiras de cada povo, bem como as próprias competições, pois há de se convir, que existe sempre uma função para cada jogo na educação tradicional indígena.

Nas competições foram vista algumas provas tradicionais e curiosa como: Revesamento de Flecha, onde a equipe faz o revesamento da flecha dentro espaço delimitado; Bastão e Disco de Borracha, onde a equipe que rebate o com taco acertando o disco avançando e ganhando território da outra equipe. A equipe vence quando conseguir tomar todo o território adversário; Arco e Flecha, onde os competidores tentam lançar a flecha o mais longe possível; Natação de revesamento, onde o objetivo é atravessar de uma margem para outra o Rio Manuel Alves Pequeno, o competidor somente langa quando o outro da sua equipe toca os pés no chão da margem contrária;

Corrida de Tora, onde os competidores ficam todos reunidos em torno da tora, dá a largada e todos correm próximo ao guerreiro que leva a tora no ombro levando o máximo que puder, passando em seguida para o próximo membro da equipe, aqueles que fizerem o percurso primeiro ganha a prova. A Corrida de Tora é o ápice das competições dos Jogos Indígenas Kraôh, para essa prova os guerreiros treinam durante semanas de preparação. Uma curiosidade sobre a prova, os praticantes dessa atividade tem uma mutilação no seu corpo, o ombro fica com um calo na extremidade do osso sendo bem visível a diferença entre os dois ombros.

Fora dos jogos tradicionais o povo Kraôh gosta do futebol que aprenderam com o não indígena, as aldeias montam suas equipes e a competição é bem acirrada. Temos competições nos naipes: Masculino e Feminino.

Um fator interessante que deve ser levado em consideração é o fator tempo, que na cultura deles não significa tempo de relógio e hora marcada. O início e o fim não são a razão da

organização deles. Vamos começar depois do almoço, isso não significa que é 13 ou 14h, esse momento pode ser 15 ou 16h. Então o tempo não estar diretamente ligado a relógio ou horas.

Note-se que escola deve funcionar como espaço de pesquisa e produção do conhecimento e, para tanto, o professor indígena deve ser formado como pesquisador, pois necessita ser aquele que vai investigar o seu próprio povo, com seu próprio olhar e instrumentalizar seu aluno para lidar com os conhecimentos, com a imposição cultural e com a política da sociedade envolvente. (ALBUQUERQUE, 2001).

Desse modo, passaram a ocorrer na escola, diversos projetos de produção de textos escritos, sonoros, visuais e audiovisuais, para que outras dimensões da produção cultural indígena possam ser expressas, como cantos rituais, literatura, narrativas míticas, danças, esportes, crendices, dentre tantas outras (BORTONI-RICARDO, 2013).

4.3 A formação de professores para a educação escolar indígena

O currículo não deve ser apenas uma matriz curricular repleto de componentes curriculares, mas sim tudo aquilo que envolve a vida do povo indígena, dentro e fora da sala de aula e que envolve o seu desenvolvimento. Sabe-se segundo, FREIRE (2011), que a educação tem como objetivo a conquista da autonomia social e cultural de cada povo, na sua coletividade e na sua individualidade.

O contexto e as práticas socioculturais de cada sociedade indígena devem ser a base para o desenho do currículo para a escola indígena. Este deve ser feito por uma equipe multidisciplinar, constituída por antropólogos, linguistas, educadores e professores indígenas que, juntos, devem trabalhar na definição e desenvolvimento dos currículos das escolas indígenas, de maneira a garantir que o processo ensino-aprendizagem se insira num contexto mais amplo de apreensão e compreensão da realidade (FASSHEBER, 2006).

Outro contexto percebido nas observações desses jogos é a capacidade na lógica indígena de não ter esse caráter competitivo que temos na cultura não indígena, de vencer, de ganhar e ser o melhor, para eles todos são vencedores e quem ganha é tão vencedor como quem perde, digo dentro dos jogos tradicionais. Esse aspecto poderia ser estudado por professores para trazer essa condição a todos os alunos.

Com a publicação do Decreto Presidencial nº 26, de 4 de fevereiro de 1991, ficou atribuída ao MEC a competência de coordenar as ações referentes à Educação Escolar Indígena no país, cabendo sua execução às secretarias estaduais e municipais de educação. Para a realização dessa incumbência é necessária uma articulação efetiva entre estas esferas de governo responsáveis pela educação fundamental, portanto, a formação de professores também deve ser articulada em conjunto com as três esferas (BRASIL, 1991).

Alicerçado nas tradições culturais da respectiva comunidade indígena, o processo de ensino-aprendizagem deve proporcionar o intercâmbio positivo e enriquecedor entre as culturas das diversas sociedades. Esse intercâmbio deve pautar-se pelo diálogo constante entre as culturas, de forma a desvendar seus mecanismos, suas funções e sua dinâmica: língua materna e bilinguismo (MACEDO; ALBUQUERQUE, 2014).

Novos conhecimentos, inclusive o conhecimento de outras línguas, são mais natural e efetivamente incorporados através da língua materna. Daí a importância que assume a valorização e o uso da língua indígena na escola. A Constituição de 1988 e a nova LDB (Lei 9394/1996) incorporam esse princípio ao garantirem aos povos indígenas o direito de utilizar suas línguas maternas ao longo do processo educativo, oral e escrito, de todos os conteúdos curriculares. O português aparece como segunda língua, em suas modalidades oral e escrita, em seus vários registros - formal, coloquial, e outros (ALBUQUERQUE, 2011).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos indígenas têm o direito de utilizar as suas línguas maternas nos processos educativos escolares. A maioria das sociedades indígenas no Brasil encontra-se hoje em diversas situações e modalidades de bilinguismo e ou multilinguismo. A língua materna de uma comunidade é um dos componentes mais importantes de sua cultura, constituindo-se no código com que se organiza e mantém integrado todo o conhecimento acumulado ao longo das gerações (ALBUQUERQUE, 2011).

Conclui-se que os jogos são importantes aos povos indígenas por dois fatores. O primeiro motivo diz respeito aos esportes que já fazem parte do cotidiano de muitos povos indígenas. Por sua vez, o segundo motivo seria a manutenção e o resgate de brincadeiras, jogos, lutas, danças e outros elementos da cultura corporal de interesse dos índios.

O professor deve perceber que as competências a serem trabalhadas são: conhecer e descrever as competições, de maneira como é feita nas etnias e relacionar criticamente com os esportes da sociedade não-indígena; conhecer e discutir as funções do jogo na educação indígena (BARTH, 1998).

Portanto, a Educação Física deve ser tratada como instrumento de afirmação étnica, com a preocupação de fazer uma análise crítica da proposta pedagógica diferenciada e da atuação prática dos professores desta disciplina curricular que atuam na escola da aldeia.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, D. S. C. D. **Educação Física na formação de magistério indígena no Acre: o futebol no diálodo intercultural**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambú. Anais: CBCE, Caxambú, 2001.
- ALBUQUERQUE, F.E. **A Educação Escolar Apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural**. Goiânia: PUC de. Goiás, 2011.
- ANASTÁCIO NETO, A. **A educação física escolar na escola municipal indígena "Marcolino Lili": uma possibilidade de fortalecimento étnico**. 2007. 145f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007.
- ARAÚJO. M. A. A. **Eventos de interação nos rituais Krahô (Jê): contribuições para o ensino bilíngue na Aldeia Manoel Alves Pequeno**. Tese de Doutorado. Programa Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. 275 páginas. 2015.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de F.Barth / P.Poutignat, J.Streiff-Fenard. Tradução de E.Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris, MACHADO, Veruska Ribeiro, CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Formação do professor como agente letrado**. 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988.
- _____. **DECRETO Nº 26, DE 4 DE FEVEREIRO DE 1991**. Dispõe sobre a educação indígena no Brasil, MEC, Brasília, 1991.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9394/1996**. São Paulo: SINPRO, 1996.

_____. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI**. MEC, Brasília: MEC, 1998.

FASSHEBER, J. R. M. **Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da Experiência entre os Kaingang**. 2006. 170p. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006

FERREIRA, M.K.L. **A educação escolar indígena: um diagnóstico crítico da situação no Brasil**. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.). Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011

MACEDO, A.S; ALBUQUERQUE, F.E. **Educação Escolar Indígena: a caminho da transdisciplinaridade**. In PINHO, M.J.; SUANNO, M.V.R; SUANNO, J.H (orgs). Formação de professores e interdisciplinaridade: diálogo investigativo em construção. Goiânia: Editora América, 2014.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

PEREIRA, M.G. **Artigos científicos: como redigir, publicar e avaliar**. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara Koogan, 2012.

RODRIGUES, A.D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.